

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

RAISSA REGIS DA SILVA

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE *SIGNWRITING* PELOS ALUNOS SURDOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Raissa Regis da Silva

Matrícula: 20181090080353

Título do Trabalho: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SIGNWRITING PELOS ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autorização - Marque uma das opções

1. (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

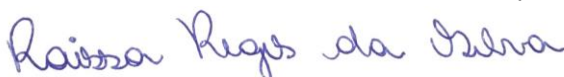
- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 11/04/2022.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

RAISSA REGIS DA SILVA

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE *SIGNWRITING* PELOS ALUNOS SURDOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientador: Prof. Me. Diego Leonardo Pereira Vaz.
Coorientadora: Profa. Dra. Josiane dos Santos Lima

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Raissa Regis da
As histórias em quadrinhos como recurso pedagógico no processo de aquisição de signwriting pelos alunos surdos do ensino fundamental. / Raissa Regis da Silva. - Aparecida de Goiânia, 2022.
67 f.: il.

Orientador: Me. Diego Leonardo Pereira Vaz.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2022.

1. Escrita de sinais. 2. SignWriting. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Gêneros Textuais. 5. Educação de surdos. I. Título.

CDD 371.912

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

Termo de Aprovação

RAISSA REGIS DA SILVA

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SIGNWRITING PELOS ALUNOS SURDOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue, sob orientação do Prof. Diego Leonardo Pereira Vaz e coorientadora: Profa. Josiane dos Santos Lima.

Aprovado em 8 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Diego Leonardo Pereira Vaz

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Thiago Cardoso Aguiar

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Waleria Batista da Silva Vaz Mendes

Membro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Aparecida de Goiânia – GO

2022

Documento assinado eletronicamente por:

- **Waleria Batista da Silva Vaz Mendes**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 09/02/2022 19:51:24.
- **Thiago Cardoso Aguiar**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 09/02/2022 15:14:55.
- **Diego Leonardo Pereira Vaz**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 09/02/2022 15:09:19.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/02/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 241634

Código de Autenticação: a9897ecec5



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

Este trabalho é dedicado a Deus e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me permitido chegar até esse momento com vida e saúde em tempos tão difíceis como esse que estamos vivendo.

Agradeço aos meus pais Roberto e Marlene, e minha irmã Rafaela, que sempre me motivaram e lutaram para que eu tivesse uma educação de qualidade.

Agradeço ao meu marido Wanderson por compreender e me apoiar em todos os momentos que precisei priorizar este trabalho.

Agradeço a todos meus professores do curso de Pedagogia Bilíngue pelos seus ensinamentos que farão toda a diferença na minha vida e prática profissional.

Agradeço ao meu orientador professor Diego e coorientadora professora Josiane, pela orientação, contribuição, apoio e toda paciência que tiveram comigo nesses meses.

"Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão. Aquele que sai chorando enquanto lança a semente, voltará com cantos de alegria, trazendo os seus feixes." Salmos 126:5,6

RESUMO

O *SignWriting* é um sistema de escrita de sinais criado em 1974, por Valerie Sutton, inicialmente para registrar os movimentos de dança, mas posteriormente foi adaptado para registrar as Línguas de Sinais por meio da escrita de símbolos. Um dos grandes desafios na educação de surdos está relacionado às dificuldades e motivações dos alunos em se expressarem através da escrita, e segundo alguns autores isso se deve ao fato dos alunos surdos não se apropriarem primeiramente da escrita de sua língua natural. Para que esse processo de aquisição seja significativo, é importante que o professor utilize textos presentes em seu cotidiano, sendo assim, este trabalho tem o objetivo de refletir sobre as Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico no processo de aquisição do *SignWriting* pelos alunos surdos do ensino fundamental. Para isso será apontada a importância do ensino de escrita de sinais para a comunidade surda, bem como a apresentação do sistema de escrita de sinais *SignWriting*. Demonstraremos o uso do gênero textual Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico na educação de surdos, que nos levará a analisar de que forma as Histórias em quadrinhos podem auxiliar na aquisição do *SignWriting*. Foi utilizado como método para coleta de dados a pesquisa bibliográfica, tendo como base a leitura de livros, artigos, periódicos, monografias, teses e dissertações para a produção do conhecimento de autores como Stumpf (2005), Capovilla (2000), Bozóli (2021), Vergueiro (2004) e Luytem e Lovetro (2017). Por meio de todo o estudo realizado foi possível constatar que é de suma importância que o *SignWriting* seja trabalhado nas escolas de ensino fundamental, para que os alunos surdos possam usufruir de uma série de benefícios que a escrita na própria língua traz, tanto para o sujeito surdo e, conseqüentemente, para a comunidade surda. Foi constatado também que o uso das Histórias em Quadrinhos na educação de surdos tem se mostrado como um recurso pedagógico eficiente para que os alunos surdos possam se apropriar desse sistema de escrita de sinais.

Palavras-chave: Escrita de Sinais. *SignWriting*. Histórias em Quadrinhos. Gêneros Textuais. Educação de Surdos.

ABSTRACT

SignWriting is a sign writing system created in 1974 by Valerie Sutton, initially as a recorder of dance movements, but later adapted to record Sign Languages by writing symbols. An education challenge is due to the students' study is related to the language and must be appropriate for the students and according to its authors, if the students learn about their natural education. For this important process for learning to be, it is that the teacher will use texts in his daily life, so this significant work aims to reflect on Comics as a pedagogical resource in the process of acquiring SignWriting deaf students in the present elementary school. For this, the importance of teaching sign writing for the deaf community will be pointed out, as well as the presentation of the SignWriting system of writing signs. We will demonstrate the use of the textual genre Comics as a pedagogical resource in the education of the deaf, which will lead us to a study of how Comics can help in the acquisition of SignWriting. Bibliographic research was used as a method for data collection, based on the reading of books, articles, periodicals, monographs, theses and dissertations for the production of knowledge of authors such as Stumpf (2005), Capovilla (2000), Bozóli (2021), Vergueiro (2004) and Luytem and Lovetro (2017). Through all that was carried out, it was possible to verify that it is of paramount importance that SignWriting is worked in elementary schools, so that deaf students can enjoy a series of benefits that study their own language, both for the deaf subject and, consequently, for the deaf community. We also found that the use of Comics in the education of the deaf has proved to be an efficient pedagogical resource for deaf students to appropriate this system of writing signs.

Keywords: Sign Writing. SignWriting. Comics. Textual Genres. Deaf Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mimographie - Forma e orientação das mãos	20
Figura 2 - Configurações de Mãos no sistema de Notação de Stokoe	21
Figura 3 - HamNoSys - Quadro de símbolos de Locação: Cabeça	21
Figura 4 - Sistema <i>D'sign</i> de Paul Jouison	22
Figura 5 - Sistema de notação de François Neve.....	23
Figura 6 - Parâmetros das línguas de sinais pelo sistema de escrita EliS.....	23
Figura 7 - Orientações de mão	32
Figura 8 - Rotação da mão	32
Figura 9 - Visão de Frente e Visão de Cima.....	32
Figura 10 - Configurações básicas das mãos.....	33
Figura 11 - Posicionamento dos dedos das mãos	33
Figura 12 - Movimento dos dedos	34
Figura 13 - Símbolos de contato.....	34
Figura 14 - Setas de movimento.....	35
Figura 15 - Outros tipos de setas de movimento	35
Figura 16 - Outros tipos de setas de movimento	36
Figura 17 - Sinal de árvore	36
Figura 18 - Sinal de vontade.....	36
Figura 19 - Sinais na face	37
Figura 20 - Sinais na face	37
Figura 21 - Sinais no centro do peito	37
Figura 22 - Representação dos ombros	38
Figura 23 - Exemplos de expressões faciais	38
Figura 24 - Símbolos de pontuação.....	39
Figura 25 – O cenário e os personagens na HQ de Zezé	49
Figura 26 - Exemplo de contornos de quadro.....	49
Figura 27 - Tipos de Balões.....	50
Figura 28 - Exemplos de Onomatopeias	51
Figura 29 - Exemplo de legenda.....	51
Figura 30 - Trechos da HQ criada	56
Figura 31 - Página da HQ criada	57
Figura 32 - Capa do Livrinho do Betinho	58

Figura 33 - HQs traduzidas para <i>SignWriting</i>	59
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 VISÃO SOBRE A ESCRITA DE SINAIS.....	18
1.1 HISTÓRIA CONCISA DA ESCRITA	18
1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ESCRITA DE SINAIS	20
1.3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DE SINAIS	26
2 CONHECENDO O SIGNWRITING	31
2.1 ESTRUTURA BÁSICA DO SIGNWRITING	31
2.2 O USO SIGNWRITING NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL	40
3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	45
3.1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA	45
3.2 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS.....	48
3.3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	52
4 O PAPEL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA AQUISIÇÃO DO SIGNWRITING.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

O *SignWriting* é um sistema de escrita de sinais criado em 1974, por Valerie Sutton. Tinha como objetivo inicial registrar os movimentos de dança, mas após algumas adaptações passou a permitir que qualquer Língua de Sinais seja registrada na sua forma escrita. É composto por símbolos que representam os parâmetros das Línguas de Sinais e quando combinados formam um sinal.

De acordo com Stumpf (2005), o *SignWriting* possui 900 símbolos, e pode ser utilizado por qualquer Língua de Sinais do mundo, onde cada escritor poderá escolher quais símbolos serão pertinentes para representar um sinal. Esses símbolos são divididos em dez categorias: mãos, contato das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e pontuação.

Desta forma, utilizando um sistema de escrita de sinais, os surdos poderão se expressar na forma escrita utilizando sua língua materna, ao produzir os mais variados textos poderão relacionar os sinais que sinalizam com a escrita desse sinal. Além disso, escrever na própria língua traz uma série de benefícios psicológicos e sociológicos para a comunidade surda.

Um dos grandes desafios na educação de surdos, no Brasil, é que a maioria dos alunos surdos possuem dificuldades em se expressar através da língua majoritária do seu país, a Língua Portuguesa na modalidade escrita. O surdo pensa e se comunica em sua língua materna, a Libras, de modalidade visual-espacial, mas no momento da escrita é necessário que ele se expresse em uma língua de modalidade oral, a Língua Portuguesa, sem antes ter adquirido a escrita em sua língua materna, dificultando o prazer pela leitura e escrita.

Para que a leitura e a escrita tenham sentido é importante que o professor apresente gêneros textuais presentes no cotidiano dos alunos para que possam compreender o real significado do texto. Nesta pesquisa utilizaremos o gênero textual Histórias em Quadrinhos, pois segundo Vergueiro et al. (2004), o seu uso em sala de aula traz uma série de benefícios: estão próximas ao cotidiano dos alunos, são de fácil acesso, fazem a interligação entre o texto e as imagens, podem ser aplicadas em

qualquer área, auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura e enriquecem o vocabulário dos alunos.

Sendo assim, esse trabalho tem como finalidade refletir sobre as Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico no processo de aquisição de *SignWriting* pelos alunos surdos do ensino fundamental. Um dos passos a ser realizado para alcançar o objetivo geral da pesquisa é apontar a importância do ensino de escrita de sinais para a comunidade surda. Depois apresentaremos um sistema de escrita de sinais, o *SignWriting*. O terceiro passo é demonstrar o uso do gênero textual Histórias em Quadrinhos como recurso pedagógico na educação de surdos, o que nos levará a refletir de que forma as Histórias em Quadrinhos podem auxiliar na aquisição do *SignWriting*. Esses objetivos podem ser materializados na seguinte pergunta: Como o uso das Histórias em Quadrinhos pode auxiliar alunos surdos na aquisição de um sistema de escrita de sinais?

Durante o curso de Pedagogia Bilíngue houve disciplinas com diversos temas relevantes da área da educação de surdos, uma dessas disciplinas que chamou atenção da pesquisadora foi a disciplina optativa *SignWriting*, pois revelou uma forma de registrar na forma escrita os sinais da Libras (Língua Brasileira de Sinais). A escolha do gênero textual Histórias em Quadrinhos vem do gosto da pesquisadora por esse tipo de gênero desde criança, o que a levou ao prazer pela leitura que tem hoje. Esse fato a incentivou a querer pesquisar mais sobre as Histórias em Quadrinhos e como elas podem ser utilizadas na educação de surdos.

Através dessa pesquisa espera-se que os professores sejam motivados a conhecerem e, posteriormente, apresentarem o *SignWriting* para seus alunos surdos, de forma a incentivá-los a produzir textos utilizando tanto a escrita de sinais quanto o Português e conseqüentemente que haja uma reorganização do currículo para que a escrita de sinais seja considerada como uma forma de atender às necessidades do sujeito surdo quanto à aquisição da escrita. Pretende-se também com esta pesquisa contribuir com mais estudos para a educação de surdos na área de escrita de sinais e dar maior visibilidade ao *SignWriting*, que traz para a comunidade surda várias contribuições, mas ainda é pouco pesquisada e difundida no Brasil.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas, pois tivemos como base os materiais já pesquisados e estudados como

livros, artigos, periódicos, monografias, teses e dissertações, buscando nas leituras de obras e autores selecionados contribuições para a produção do conhecimento.

A pesquisa tem a abordagem qualitativa, pois foi estudado aspectos subjetivos de fenômenos sociais. Quanto à natureza, a pesquisa é exploratória e, de acordo com Gil (2002), esse tipo de pesquisa tem o objetivo de proporcionar familiaridade e explicitar um problema aprimorando ideias.

Esse trabalho estrutura-se em quatro capítulos, apresentando-se no primeiro uma visão geral sobre a escrita de sinais, como a escrita foi desenvolvendo ao longo dos anos, a história das escritas de sinais e sua importância para a comunidade surda. No segundo capítulo é apresentado a estrutura do *SignWriting* e seu uso no ensino fundamental baseado em vários autores. O terceiro capítulo aborda as Histórias em Quadrinhos, seu uso na sala de aula, na educação de surdos e alguns dos elementos encontrados neste gênero textual. No capítulo quatro é mostrado o papel das Histórias em Quadrinhos na aquisição do *SignWriting*.

1 VISÃO SOBRE A ESCRITA DE SINAIS

1.1 HISTÓRIA CONCISA DA ESCRITA

A história da escrita está ligada ao processo de desenvolvimento da civilização humana. Na Pré-História já havia a necessidade de se comunicar através de registros escritos. Os primeiros registros escritos foram criados sem ter relações com a língua falada, eram utilizados desenhos, chamados pictogramas, para narrar eventos e transmitir informações, porém nem todos sabiam o significado daqueles símbolos, somente o povo daquela comunidade.

De acordo com Kogut (2015) os primeiros registros de símbolos gráficos encontrados datam do povo sumério, cerca de 4000 a.C, a escrita era gravada em formas de cunhas sobre a argila fresca e cozidas ao sol. Com o passar do tempo os povos foram criando seus sistemas de escrita bem como a forma de registrá-los. Por exemplo, no Egito desenvolveram a escrita hieroglífica utilizando-a no papiro, na Ásia menor surgiu o pergaminho e na China tiveram a ideia de se fabricar papel a partir de trapos e os Árabes introduziram esse material na Europa.

Com o tempo tornou-se necessário organizar a escrita de forma mais próxima à língua falada, para resolver os problemas de ambiguidade de imagens e expressar conceitos que eram impossíveis serem registrados nas imagens, foi então que a escrita alfabética foi criada, pois ela poderia representar cada som da língua por um sinal específico (STUMPF, 2005).

Segundo Lodi, Harisson e Campos (2002) "a escrita desenvolveu-se por necessidades econômicas e administrativas e, desde o princípio, foi uma forma de poder político e religioso". Com o desenvolvimento das cidades e do comércio a escrita começou então a ser de suma importância para um povo, para sua cultura e para a vida em sociedade.

[...] a escrita foi difundida por necessidades práticas como redigir contratos, leis, fazer contas e não apenas por necessidades literárias. A escrita foi inicialmente propriedade das classes que estavam no poder, sendo assim, percebe-se que ela nasceu de uma necessidade do poder, quer seja ele religioso ou econômico, e difundiu-se lentamente para o conjunto da população (KOGUT, 2015, p. 37) .

Conforme Moreira e Rosado (2020), além da escrita alfabética presente no nosso cotidiano existem outros tipos de escrita que foram desenvolvidas ao longo do tempo, como por exemplo:

- pictografia - utiliza de desenhos para representar objetos e ideias, como por exemplo, as placas de trânsito e a sinalização de aeroportos;
- ideográfica - utiliza de símbolos gráficos ou desenhos que representam ideias ou objetos associados ao som da fala, como é o caso, em parte, dos ideogramas japoneses e chineses e para nós dos símbolos que representam os números;
- silábica - utiliza de símbolos para representar as sílabas, como é o caso da escrita etíope.

Ou seja, são várias as formas de registro que a sociedade utiliza com o intuito de promover a comunicação e repassar informações. No nosso país mesmo podemos perceber que além da escrita alfabética, utilizamos a pictográfica e ideográfica em algumas situações.

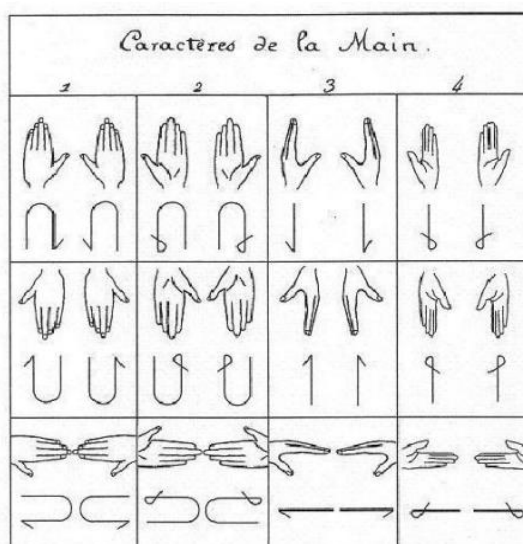
A escrita nos permite ter acesso a mensagens de gerações anteriores, às suas memórias, pensamentos e sentimentos, bem como o acesso a leis, costumes e crenças, auxiliando um povo a ter acesso à sua história e cultura. Além disso, a escrita tem sua função psicológica, pois quando escrevemos organizamos e refletimos sobre o nosso pensamento e quando lemos nossa capacidade de abstração é aprimorada (MOREIRA; ROSADO, 2020).

1.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA ESCRITA DE SINAIS

A comunidade surda também possui formas de escrever os sinais utilizados em suas Línguas de Sinais. Mesmo a Língua de Sinais sendo de modalidade visual-espacial é possível registrar esses sinais na forma escrita. Existem vários tipos de escrita de sinais que foram desenvolvidas e aprimoradas ao longo do tempo pela comunidade surda.

Em 1825, surgiu em Paris, a primeira escrita de sinais, criada por um educador francês Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839) e chamada de **Mimographie**. Esse sistema possui 190 símbolos que escritos e combinados na ordem, configuração de mãos, locação, movimento e expressão facial, representam um sinal. Seu trabalho foi pouco conhecido, mas contribuiu para pesquisas posteriores (AGUIAR; CHAIBUE, 2015).

Figura 1: Mimographie - Forma e orientação das mãos



Fonte: Aguiar e Chaibue (2015)

O norte-americano Willian C. Stokoe (1919-2000) linguista e pesquisador, em 1965, constatou a necessidade de uma escrita própria no registro da *American Sing Language (ASL)*, ou seja, Língua de Sinais Americana. Em suas pesquisas concluiu que as línguas de sinais possuem todos os critérios linguísticos de uma língua oral. Stokoe e a sua equipe de linguistas da Universidade Gallaudet, criaram uma notação para a escrita de sinais, a **Notação de Stokoe**, que parte de cinco

elementos: o local onde o sinal é feito, doze posições; as configurações de mãos, que são dez; os movimentos indicando ação, com vinte e dois símbolos; a orientação, quatro indicações; os sinais diacríticos¹ com duas possibilidades (STUMPF, 2005).

Figura 2 - Configurações de Mãos no sistema de Notação de Stokoe

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	K	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	B̂	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

Fonte: Stumpf (2005)

De acordo com Aguiar e Chaibue (2015) o trabalho de Stokoe "acabou servindo de base para outras propostas de escritas de sinais futuras, algumas destas usadas até hoje", como é o caso do HamNoSys (1989) na Alemanha, *D'sign* de Paul Jouison (1990) na França, a notação de François Xavier Neve (1996) na Bélgica, e a ELIS (1997) no Brasil.

O *Hamburg Sign Language Notation System* – **HamNoSys**, possui em torno de 200 símbolos. O sistema descreve a postura inicial do sinalizador, com as características não manuais, formato e orientação de mãos e locação e adiciona a mudança de ação desta postura em sequência ou em paralelo. Esse sistema foi objeto de diversas versões para a informática (AGUIAR; CHAIBUE, 2015).

Figura 3 - HamNoSys - Quadro de símbolos de Locação: Cabeça

¹ Sinais diacríticos são sinais gráficos que podem ser colocados sobre um grafema para alterar a sua realização fonética ou para marcar qualquer outra característica linguística.

Figura 5 - Sistema de notação de François Neve

1-2-3-4-5-20			Como em datilologia
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O			
P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z			
≤	Bico de pardal	ε	Asas de águia
┐	Cabeça de elefante	#	Garra de urso
	Pinça	)	Colher
○	Chave		Plano
┌	Prego	β	Colina
└	Pistola	δ	Cabrito
¥	Cornos	†	Percevejo
&	Lhama	¢	Bico de pato
«	Duplo colchete	Σ	Guelra de crocodilo

Fonte: Silva (2009)

A **ELIS** (Escrita das Línguas de Sinais), desenvolvida por Mariângela Estelita de Barros foi criada em 1997 e posteriormente aprimorada em 2008. Possui 94 símbolos e é escrita da esquerda para a direita, utilizando além dos três parâmetros identificados por Stokoe (Configuração de Mãos, Locação e Movimento), também a Orientação da Palma e os diacríticos (BARROS, 2015).

Figura 6 - Parâmetros das línguas de sinais pelo sistema de escrita EliS

CONFIGURAÇÃO DE DEDO	ORIENTAÇÃO DA PALMA
. / < \ - 7 7 \	☒ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐
PONTO DE ARTICULAÇÃO	
☐ ☐ H U = :: :: ∞ ⊥ ≡ ≡ ⊥ ∞ U ∞	
π ☐ ☐ ☐ ☐	
L L L L L L L π	
☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐	
MOVIMENTO	
⊥ T F ↑ ↓ ⇅ → ← ⇄ + ++ ↗ ↖ ↘ ↙ ∩ ∪ ∅ ∅	
⊥ T F 7 7 V ^ ^ L L L L	
Δ ∅ ↗ ∇ < H ≡ x ∅ ⊗ + ∅	

Fonte: Silva (2009)

Paralelamente a essas notações, segundo Barreto e Barreto (2015), em 1972, na Dinamarca, uma bailarina chamada Valerie Sutton criou o *Dance Writing* um sistema de notação para registrar os movimentos da dança. Seu sistema foi publicado em um jornal local, e chegou ao conhecimento de alguns pesquisadores que estavam procurando um sistema para escrever as línguas de sinais. Entraram em contato com ela e solicitaram que desenhasse alguns sinais apresentados em um vídeo sinalizado, mesmo não sabendo Língua de Sinais, Sutton escrevia os movimentos e após algumas adaptações, em 1974 foi criado o ***SignWriting***.

Após contato com pesquisadores surdos, Sutton fez algumas adaptações no *SignWriting* para que se adequasse por completo às Línguas de Sinais e pudesse ser usado em qualquer país. Em 1981 começou a ser utilizado também no computador e disseminado nas escolas, e em 1996 ficou disponível na internet e desde então sua popularidade foi crescendo (BARRETO; BARRETO, 2015).

No Brasil, o *SignWriting* começou a ser estudado, de acordo com o Stumpf (2005), em 1996, por um grupo de pesquisa criado pelo Dr. Antônio Carlos da Rocha, da Pontifícia Universidade Católica – PUC de Porto Alegre/RS, do qual ela também participava, tinha o objetivo de adaptar o *SignWriting* à Libras, o que resultou da construção de um manual que explica como escrever os sinais da Libras utilizando o sistema.

Em 1996, Marianne Rossi Stumpf, foi a autora do primeiro texto escrito em *SignWriting*, a tradução do livro infantil *Uma menina chamada Kauana*, de autoria também da pesquisadora surda Karin Strobel (STUMPF, 2001).

No site <https://www.signwriting.org/> podemos encontrar alguns livros escritos em *SignWriting*. Marquezi (2018) em sua pesquisa realizou um levantamento de livros literários que foram traduzidos, criados ou adaptados para o *SignWriting*, dentre eles estão:

- *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003);
- *Rapunzel Surda* (HESSEL, ROSA; KARNOPP, 2003);
- *Cachos Dourados* (STUMPF, 2003);
- *A árvore surda* (ROSA; STUMPF, 2003);
- *O feijãozinho surdo* (KUCHENBECKER, 2009);
- *A cigarra surda e as formigas* (OLIVEIRA; BOLDO, s.d).

Em 2001 foi publicado o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Deit-Libras - 2 volumes*, dos autores Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Maurício. Esse dicionário possui três línguas: o português, o inglês e a Libras, fornecendo descrição de como os sinais são realizados e como são escritos em *SignWriting*. Após essa edição os autores já publicaram a 2º e 3º versões atualizadas.

Outro marco importante para o *SignWriting* aconteceu em 2006, quando foi reconhecido pela International Organization for Standardization (ISO 15924) como escrita das Línguas de Sinais (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2020).

Além de poder ser escrito no papel, há softwares que auxiliam a escrita em *SignWriting*. No site <https://www.signwriting.org/> podemos encontrar vários softwares. Stumpf (2005) em sua pesquisa relata que utilizou o SW-Edit para criar textos. Na sala de aula utilizou o Sign Writer, onde toda a escrita de língua de sinais é feita através do teclado onde as teclas correspondem aos grupos do *SignWriting*. Porém, para ela, esse software não auxilia quem está começando aprender *SignWriting*, “visto que foi desenvolvido para pessoas que já tenham conhecimento e habilidade para se comunicar através dessa língua”.

Stumpf (2005) e Bózoli (2021) utilizaram o *SignPuddle*. Ele é um software que possui: ferramenta de dicionário on-line, criação de sinais escrito, pesquisar o símbolo ou explicações e criar sinais no e-mail.

Bózoli (2021) fez também o uso do Delegs, esse software possibilita criar e editar documentos em *SignWriting* com base do teclado em língua oral. À medida que vai se digitando as palavras da língua oral o sinal é mostrado na tela.

Apesar de ser reconhecida como uma escrita das Línguas de Sinais, no Brasil, o *SignWriting* não é reconhecido como a escrita oficial da Libras. E isso dificulta um pouco o seu uso, porém nos últimos anos alguns pesquisadores brasileiros têm publicados artigos, livros e teses para que o *SignWriting* seja cada vez mais conhecido e quem sabe no futuro faça parte do currículo e seja ensinado juntamente com a Libras nas escolas.

Além das escritas de sinais mencionadas acima há muitas outras prontas e em desenvolvimento ao redor do mundo e no Brasil.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DE SINAIS

A escrita de sinais permite registrar os sinais das Línguas de Sinais, utilizando de símbolos e desenhos que combinados constituem um sinal, permitindo que a comunidade surda se expresse de forma escrita na sua língua materna. Stumpf (2005) afirma que o caminho natural da evolução da comunidade surda, seu desenvolvimento intelectual e cultural, passa pela aquisição de uma escrita própria, sendo esta a representação de sua língua materna.

Sendo assim a escrita de sinais é de suma importância para a comunidade surda, Capovilla (2000) afirma que seu uso traz benefícios psicológicos e sociológicos. Então o quanto antes o sujeito surdo ter o contato com a escrita de sinais, melhor, pois ele poderá usufruir de todas as vantagens de escrever na própria língua e entender o que a escrita representa.

Infelizmente o que acontece na maioria das vezes é que os surdos não possuem prazer na leitura e escrita, pois precisam produzir textos utilizando de palavras de uma língua oral, que na maioria das vezes não faz sentido para ele por não fazer parte do seu dia a dia. Conforme explicado acima, a aquisição de um sistema de escrita de sinais possibilita que os surdos, que pensam e se comunicam em Libras possam se expressar também utilizando sua língua na modalidade escrita.

Raquel Barreto, autora surda do livro *Escrita de Sinais - Sem Mistérios*, deixa claro a felicidade que percebe ao ver seus alunos escrevendo em sua própria língua, "vejo este brilho quando os surdos lêem sua língua. Vejo este brilho quando escrevem os sinais. É fantástico como aprendem rápido!" (BARRETO; BARRETO, 2015).

Em suas pesquisas na França e no Brasil, ensinando a escrita de sinais, Stumpf (2005), também percebeu o aspecto afetivo e a evolução na aprendizagem. Conforme mencionado pela autora, "a criança surda quando se depara com a aprendizagem do *SignWriting* sente-se gratificada, sente-se feliz". Ela relata que as crianças surdas ficavam motivadas para as próximas aulas para ler e escrever em sinais, pois se sentiam à vontade para se expressar na própria língua e que aprendiam rápido, as dificuldades que apareciam eram fáceis de serem superadas, diferentemente da aquisição da escrita de uma língua oral.

A escrita de sinais possibilita também que a comunidade surda desenvolva sua cultura através da história, registrando os acontecimentos históricos ao longo das

gerações. Hoje, por exemplo, só temos a história da comunidade surda registrada na língua oral, que é sua segunda língua, e como muitos surdos ainda não dominam a escrita na língua oral isso impossibilita que mais registros sejam feitos.

A escrita de sinais é uma habilidade essencial da ação cognitiva que requer esforço, estimulando sua criatividade e facilita aprendizagem, ela vai além da ação motora. Permite também o registro da vivência de povos e gerações passadas, possibilita a recuperação do conhecimento e da própria história (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 12).

Para Stumpf (2005), a cultura surda estava minimamente registrada na época de sua pesquisa, mas ela acreditava que a partir do momento que os surdos comessem a se expressar escrevendo na própria língua a comunidade surda poderia desenvolver uma nova cultura, a cultura surda escrita que "pode proporcionar o acesso a um novo patamar em suas expressões culturais e comunicativas", através de roteiros de teatros, poesias, histórias, contos, humor, etc.

De acordo com Quadros (2000), a aquisição da escrita de sinais auxilia a criança surda no processo de alfabetização em Língua de Sinais, uma vez que o processo de alfabetização carece de registros de produções escritas. No momento que ela passa a registrar as relações de significação que estabelece com o mundo, passa a criar hipóteses e a se alfabetizar.

No entanto, uma forma escrita da língua de sinais torna-se emergente para a continuidade do processo de alfabetização. O sistema de escrita de sinais expressa as configurações de mãos, os movimentos, as direções, a orientação das mãos, as expressões faciais associadas aos sinais, e as relações gramaticais que são impossíveis de serem captadas através de sistemas de escrita alfabéticos. Aquele sistema tende a sistematizar a língua de sinais, assim como qualquer outro sistema de escrita, o que faz parte do processo (QUADROS, 2000, p.57).

A autora deixa claro na citação acima que é importante que a escrita de sinais faça parte do processo de alfabetização das crianças surdas. Assim como a criança ouvinte ao iniciar esse processo percebe que pode registrar a língua que utiliza no seu dia-a-dia, a criança surda também poderá ter essa continuidade de registrar a língua que se comunica, ao aprender a escrita de sinais perceberá que aquilo que ela sinaliza é passível também de ser registrado.

Rangel e Stumpf (2015), destacam que ao tornar a escrita de sinais acessíveis para os alunos surdos, as escolas estarão contribuindo para o surgimento de surdos leitores e escritores. As autoras sugerem que a escrita de sinais seja trazida para dentro da sala de aula, nos debates, livros, materiais didáticos, brinquedos pedagógicos, vídeos, histórias em quadrinhos e histórias infantis.

Após a aquisição da escrita na sua língua materna pelo aluno surdo, aprender a escrita em uma segunda língua será um processo mais simples, para Barros (2006) o aluno surdo "poderá transpor para o processo de alfabetização em português as estratégias procedimentais que já saberá utilizar em Libras".

Entende-se por isso que, para que surdos sejam bons leitores da língua oficial de seu país, importantíssimo é que sejam ótimos leitores em sua própria língua e, para tanto, ainda mais importante é que se amplifiquem os estudos sobre a forma escrita da língua de sinais para que se permita um aproveitamento cognitivo maior e de melhor qualidade (SILVA, 2009, p. 51).

O ensino da escrita de sinais não pode ser visto somente como mais um recurso metodológico para que os alunos surdos possam adquirir a escrita da língua oral. A escrita de sinais vai além disso, permite que os surdos usufruam de vários benefícios, obtendo um desenvolvimento cognitivo, à medida que passam a escrever diretamente em sua língua, sem passar pela tradução de uma outra língua. Quando escrevemos temos a oportunidade de refletir e organizar nossos pensamentos e ideias.

Além disso, a escrita de sinais pode ter benefícios com relação a valorização e desenvolvimento da própria Língua de Sinais, uma vez que, o indivíduo escrevendo os sinais pode refletir sobre sua própria língua, suas regras e estrutura. Stumpf (2005) em suas pesquisas na França, quando questionou os alunos se a escrita de sinais ajudou a desenvolver a Língua Francesa de sinais responderam que além de ampliar os conhecimentos das configurações das mãos, espaço de sinalização, "quando vêem um símbolo passam a refletir sobre qual o sinal que corresponde ao símbolo prestam atenção nos diferentes símbolos".

Conforme expõe Barreto e Barreto (2015), podemos elencar as várias aplicações e benefícios da Escrita de Sinais como:

- Permite ao surdo expressar-se livremente, mostrando sua fluência na Língua de Sinais;

- Aumenta o status social da Língua de Sinais quando mostra que o surdo tem uma escrita própria;
- Ajuda a melhorar a comunicação;
- Mostra as variações regionais da Libras, enriquecendo-a;
- Permite aprender outras Línguas de Sinais;
- Auxilia a pesquisa das Línguas de Sinais;
- Pode ser usada na construção de dicionários e glossários diretamente em Língua de Sinais;
- É mais prática do que a gravação de uma sinalização em vídeo, pois permite escrever e ler textos em Língua de Sinais em qualquer lugar, basta papel e lápis;
- Pode ser usada em qualquer disciplina escolar ou universitária: geografia, matemática, ciências, etc.;
- Pode ser usada por professores para ensinar a Língua de Sinais e sua gramática para iniciantes e também pelos próprios aprendizes de Língua de Sinais para relembrar o que foi estudado em sala de aula, com muito mais eficácia e praticidade do que desenhos ou anotações em Português;
- Auxilia os tradutores intérpretes de Libras na preparação para a interpretação e também no registro de novos sinais aprendidos;
- Permite também que o aluno surdo faça anotações enquanto assiste a uma aula, palestra, etc. e não fique apenas como expectador;
- Torna mais fiel a transcrição de sinalizações em corpora vídeo por pesquisadores, do que o uso de glosas da Língua Oral;
- Torna sigilosa a identidade do sinalizador – o que não acontece na utilização de vídeos, onde o sinalizador muitas vezes já é conhecido, fator que pode influenciar as análises.

Faz-se necessário então, que as instituições de ensino planejem e organizem o ensino-aprendizagem de um sistema de escrita de sinais. Como vimos, essa aquisição da escrita de sinais, pode começar já nos anos iniciais do ensino fundamental que é quando a criança vai ser alfabetizada e letrada. Com isso comunidade surda poderá usufruir desde as vantagens do uso da escrita de sinais,

que vão desde o desenvolvimento cognitivo de cada indivíduo até o desenvolvimento de toda a comunidade.

2 CONHECENDO O SIGNWRITING

2.1 ESTRUTURA BÁSICA DO SIGNWRITING

Nesse trabalho aprofundaremos no sistema de escrita de sinais, *SignWriting*, devido ser a mais utilizada e a sua iconicidade, que permite encontrar semelhanças entre a sinalização do sinal e o desenho, pois dependendo do sinal, mesmo que a pessoa não saiba *SignWriting* é possível identificar a grafia do sinal. Conforme explicado no capítulo anterior, esse sistema de escrita, foi criado em 1974 por Valerie Sutton, inicialmente para registrar os movimentos de dança, mas posteriormente foi adaptado para registrar os sinais das Línguas de Sinais.

De acordo com Barreto e Barreto (2015) para grafar um sinal é importante entender primeiramente o ponto de vista, isto é, a perspectiva, que pode ser receptiva, quando o sinal é feito por outra pessoa e se vê os sinais como observador. Já a perspectiva expressiva é quando se está sinalizando e vê o sinal da própria perspectiva, e nessa perspectiva que é a escrita de sinais para uso no dia a dia se baseia.

É importante também conhecer a estrutura do *SignWriting*, que é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo, e é dividido em dez categorias: mãos, contato das mãos, faces, movimentos do corpo e da cabeça, ombro, membros, inclinação da cabeça, localização, movimento de dinâmicas e pontuação (STUMPF, 2005).

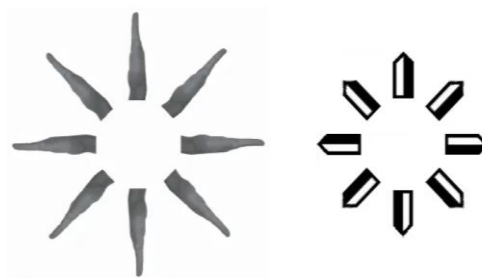
Sutton (s.d.), explica que a palma da mão é sempre escrita com símbolo branco, e o dorso da mão é escrito com símbolo preto. Já quando se vê a mão de lado enquanto sinaliza o símbolo será metade preto, metade branco, conforme podemos ver na Figura 7. Com relação a palma da mão, é possível grafá-la qualquer direção como exposto da Figura 8.

Figura 7 - Orientações de mão



Fonte: Sutton (s.d.)

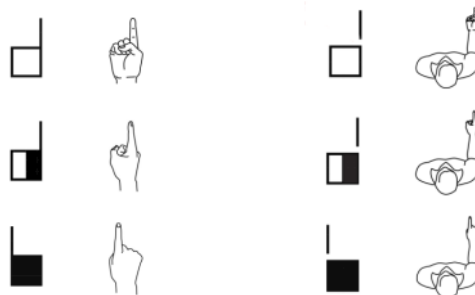
Figura 8 - Rotação da mão



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Em um sinal as mãos podem estar paralelas à parede ou paralelas ao chão. Há símbolos diferentes para grafar cada situação, na Figura 9, temos na esquerda a forma de grafar um sinal que as mãos são paralelas à parede (visão de frente) e na direita a forma de grafar quando as mãos paralelas são ao chão (visão de cima).

Figura 9 - Visão de Frente e Visão de Cima



Fonte: Sutton (s.d.)

As configurações básicas das mãos, conforme ilustrado na figura abaixo, são: mão circular, aberta e fechada. De acordo com Stumpf (2005), os outros símbolos de

mão são variações destes símbolos básicos. É possível também adicionar linhas para os dedos.

Figura 10 - Configurações básicas das mãos



Fonte: Sutton (s.d.)

Como existem várias formas que os dedos podem se mostrar em um sinal, no *SignWriting*, Stumpf (2005), apresenta 10 grupos de símbolos para as mãos que são agrupadas de acordo com quais dedos são usados, em cada grupo há a variação dos dedos.

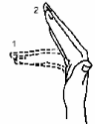
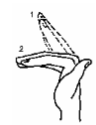
Figura 11 - Posicionamento dos dedos das mãos

Grupo 1		Indicador
Grupo 2		Dedos indicador médio
Grupo 3		Polegar indicador médio
Grupo 4		Quatro dedos
Grupo 5		Cinco dedos
Grupo 6		Dedo mínimo
Grupo 7		Dedo Anular
Grupo 8		Dedo médio
Grupo 9		Indicador polegar
Grupo 10		Polegar

Fonte: Stumpf (2005)

Além de grafar quais dedos serão utilizados, vale destacar também que os dedos podem apresentar movimentos, que podem ser expressados conforme a Figura 12.

Figura 12 - Movimento dos dedos

		Dedo flexiona na articulação medial			Dedo estende na articulação proximal
		Dedo estende na articulação medial			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal conjuntamente
		Dedo flexiona na articulação proximal			Dedos flexionam e estendem na articulação proximal separadamente

Fonte: Stumpf (2005)

Podemos ver na Figura 13, que quando o sinal possui contato, há 6 formas de representar seja mão com mão, mão com corpo ou mão com cabeça.

Figura 13 - Símbolos de contato

*	1. Tocar
+	2. Agarrar
*	3. Tocar entre
#	4. Bater
⊙	5. Escovar
⊗	6. Esfregar

Fonte: Sutton (s.d.)

O movimento do sinal também precisa ser representado, são utilizadas setas para indicar o caminho do movimento. Quando o movimento é paralelo à parede é representado por uma seta dupla, quando é paralelo ao chão é utilizada a seta

simples. Se o movimento é realizado pela mão esquerda é representado por setas com ponta branca, se é realizado com a mão direita são utilizadas setas com a ponta preta.

Figura 14 - Setas de movimento

 Para cima Para baixo	 Diagonal para cima Diagonal para baixo	 Esquerda Direita
Quando o movimento para cima ou para baixo for paralelo à parede as setas serão duplas.		
 Para cima Para baixo	 Diagonal para cima Diagonal para baixo	 Esquerda Direita
Quando o movimento para frente ou para trás for paralelo ao chão as setas serão simples.		

Fonte: Forcadell, Frasson e Forcadell (2017)

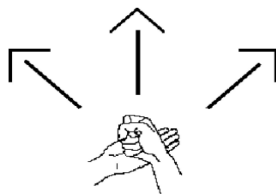
Figura 15 - Outros tipos de setas de movimento

 Seta para o lado e para frente	 Seta para o lado, para frente e para o lado
 seta para o lado, para a diagonal e para o lado	 seta para a diagonal, para frente e para trás
 seta com movimento circular	 seta para cima com giro do braço
 seta para frente com giro para direita	 seta com movimento curvo
 seta com movimento lento	 seta com movimento rápido
 seta com movimento tenso	 seta com movimento relaxado

Fonte: Forcadell, Stumpf e Forcadell (2017)

Quando uma seta de movimento da mão direita se escreve por cima de uma seta de movimento da mão esquerda, os dois movimentos são sobrepostos e feitos juntos, e a seta que representa é a seta de cabeça aberta.

Figura 16 - Outros tipos de setas de movimento



Fonte: Sutton (s.d.)

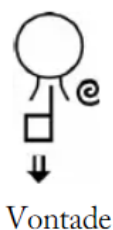
Outro parâmetro das Línguas de Sinais que pode ser grafado é a locação, onde o sinal é feito. Há símbolos para os braços, que são representados por uma linha, conforme a Figura 17, pescoço, Figura 18 e cabeça, Figura 19.

Figura 17 - Sinal de árvore



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Figura 18 - Sinal de vontade



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Também há símbolos para a face, e é necessário escrever um pequeno semicírculo na parte da face onde a mão toca (Figura 19). Os sinais podem acontecer também em áreas específicas da face como: sobrancelhas, nariz, boca, orelhas e do cabelo, representado respectivamente na Figura 20.

Figura 19 - Sinais na face



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

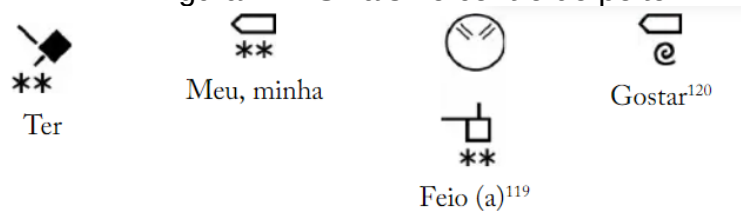
Figura 20 - Sinais na face



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Caso não haja nenhuma identificação da locação, significa então o sinal é no espaço neutro. Quando o sinal é realizado no centro do peito o grafema de contato é escrito abaixo do grafema que representa a mão, como podemos visualizar na Figura 21. Já quando é realizado um em um lado do peito ou dos ombros, ou se move(m) ao lado do corpo, usa-se uma linha grossa para representar os ombros, conforme Figura 22.

Figura 21 - Sinais no centro do peito



Fonte: Barreto e Barreto (2015)

Figura 22 - Representação dos ombros



Fonte: Stumpf (2005)

As expressões faciais, não podem ficar de fora, elas fazem toda a diferença no sinal e compõe os parâmetros das Línguas de Sinais. Elas também podem ser representadas, abaixo segue alguns exemplos:

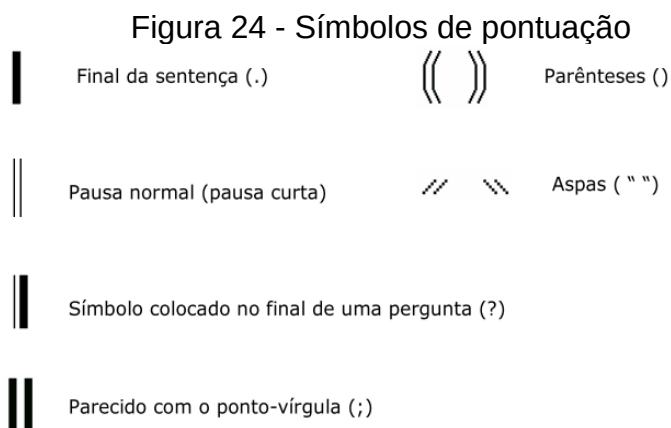
Figura 23 - Exemplos de expressões faciais

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
Boca reta e fechada	MENTIRA
Boca triste e fechada	TRISTE
Boca triste e aberta	NOJENTO
Boca de beijo	PASSARINHO
Boca com lábios sugados	BOMBA
Boca com sorriso fechado	BONITO

Bochechas estufadas	CHEIO
Bochechas sugadas	MAGRO
Bochecha inflada de um lado	ROUBO (disfarçado)
Bochecha soprando o ar	BEXIGA

Fonte: Forcadell, Stumpf e Forcadell (2017)

Assim como na escrita alfabética, no *SignWriting* também é possível utilizar símbolos de pontuação que podem ser representados da seguinte forma:



Fonte: Stumpf (2005)

Colocamos aqui somente alguns símbolos básicos do *SignWriting*, pois essa escrita possui aproximadamente 900 símbolos. De acordo com Barreto e Barreto (2005), devido a sua iconicidade, o *SignWriting* permite que o aprendiz não precise decorar centenas de grafemas, mas apenas apreender sua estrutura fundamental. E isso contribui também para que o *SignWriting* possa ser inserido já no ensino fundamental para as crianças surdas, os professores poderão começar pelos sinais icônicos, o que não gerará muitas dificuldades e motivará as crianças a se aprofundar mais no sistema.

2.2 O USO SIGNWRITING NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Apesar do *SignWriting* não ser reconhecido oficialmente como a escrita da Libras, é reconhecido por vários pesquisadores e pelo Ministério da Educação (MEC), em algumas escolas bilíngues e cursos de nível superior de Letras Libras e Pedagogia Bilíngue é possível encontrar a disciplina de escrita de sinais, isso faz com que a escrita de sinais evolua e seja conhecida (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2020).

Recentemente, em julho de 2021, o MEC² por meio da Secretaria de Modalidades Especiais (Semesp) da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (DIPEBS), lançou a Proposta de Currículo para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos. A proposta conta com 6 cadernos, divididos da seguinte forma: o Caderno Introdutório, o Caderno I (Educação Infantil), Caderno II (Anos Iniciais do Ensino Fundamental), Caderno III (Anos Finais do Ensino Fundamental), Caderno IV (Ensino Médio), Caderno V (Ensino Superior).

No Caderno II, onde encontramos propostas para ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, há o reconhecimento da escrita de sinais como forma de expressão dos surdos. Na competência geral, que diz sobre a importância da escrita, podemos ver o uso de textos que tratam da escrita de sinais.

Textos informativos multissemióticos sobre a história da criação da escrita das línguas orais e da criação das escritas das línguas viso- espaciais. (As escritas surdas em Signwriting).

As pesquisas na área de *SignWriting*, confirmam a escrita de sinais como uma aliada na educação bilíngue, que tem muito para contribuir. Stumpf (2005) realizou sua pesquisa em classes bilíngues, no Brasil, na escola Escola Especial para Surdos Frei Pacífico localizada em Porto Alegre - Rio Grande do Sul e em três escolas públicas da França. Seu objetivo foi observar como se apropriaram do *SignWriting* propondo atividades para que os alunos pudessem aprender a escrever utilizando a escrita de sinais.

² Para acessar a notícia <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-proposta-de-curriculo-para-o-ensino-de-portugues-escrito-como-segunda-lingua-para-estudantes-surdos>

A Escola Especial para Surdos Frei Pacífico é uma escola bilíngue que na época contava com três professores surdos, dez professores ouvintes e 108 alunos surdos, cursando desde o jardim até a 8ª série. A pesquisa foi realizada na turma de 2ª série que tem 7 alunos surdos, com encontros semanais. Stumpf (2005) utilizou livros infantis em *SignWriting: Cachos Dourados, Cinderela Surda, Rapunzel Surda, A fumaça, Viva as diferenças, A árvore surda, Ivo e Adão e Eva*. Utilizou também jogos da memória com configurações de mão, animais, frutas, objetos, jogo de dominó, cartazes com os meses do ano, todos escritos em *SignWriting*.

Na França a pesquisa foi realizada, dentro do Projeto LS - Script, que é um projeto de universidades Francesas com o auxílio dos ministérios da Pesquisa, da Cultura e do Trabalho, seu objetivo foi investigar quais as formas de escrita da Língua Francesa de Sinais (LSF) para crianças. Foram realizados encontros semanais durante quatro meses em escolas de maternal, primário e fundamental (STUMPF, 2005).

A Escola Centre de Ramonville, possuía 18 alunos surdos, a Escola Maternal Saju de Ramonville, 3 alunos e o Colégio André Malraux de Ramonville, 8 alunos. Nas aulas Stumpf (2005) levou: resumo do manual de *SignWriting*, cartões com desenhos de configurações das mãos, cartões com posições e orientações das mãos, jogo da memória, dominó, cartazes, cartões de número e histórias.

Após essas experiências Stumpf (2005) percebeu que o processo de alfabetização em *SignWriting* e a evolução para o letramento mostrou-se funcional, todos os alunos conseguiram participar, não apareceram grandes dificuldades de representação no sistema. Na opinião da autora, as crianças não precisam estar alfabetizadas na língua oral para depois aprender o *SignWriting*. Ela percebeu também dois componentes fundamentais ao processo de alfabetização:

- 1 – O aspecto afetivo - A criança surda quando se depara com a aprendizagem do *SignWriting* sente-se gratificada, sente-se feliz. O reconhecimento de que sua língua de sinais também é importante, também pode ser escrita, a relação que se estabelece entre os colegas para cooperar e trocar conhecimentos, as produções animadas, o poder contar em casa que são possuidores de um conhecimento reconhecido pela escola, são fatores entre outros, de apropriação de um sentimento de auto-estima, do qual elas muitas vezes carecem e de empenho em aprender.
- 2 – O aspecto de evolução na aprendizagem - A rapidez com que elas conseguem adquirir o sistema, começam a ampliar seu sinalário e a construir mensagens faz com que se sintam estimuladas a avançar. As dificuldades que encontram são dificuldades possíveis de serem superadas, ao contrário das encontradas na escrita da língua oral, que ensinada aos surdos, com os mesmos métodos

que aos ouvintes, não respeita o raciocínio nem a lógica da criança surda (STUMPF, 2005, p. 220 - 221).

Wanderley (2012), realizou sua pesquisa na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, escola de surdos, localizada em Santa Maria - Rio Grande do Sul, com o objetivo de identificar os elementos que constituíam a compreensão e a produção dos textos em escrita de sinais. Nesta escola há um trabalho de alfabetização das crianças em escrita de sinais, as professoras utilizam metodologias que estimulam as crianças a participarem das atividades, como por exemplo jogos e aulas que exploram os recursos visuais. Uma outra estratégia que Wanderley (2012) percebeu, é que na escola é utilizadas placas indicativas escritas em *SignWriting*, em todos os ambientes da instituição.

Um outro trabalho de aplicação do *SignWriting* em sala de aula, foi realizado por Maia, Lima e Costa (2017), na escola Escola Estadual “11 de Agosto” em Aracaju - Sergipe, que segue a filosofia bilíngue. As autoras realizaram 15 encontros, com 10 alunos dos 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Nas aulas ministradas as autoras apresentaram em *SignWriting*, o alfabeto, os números, as configurações básicas de mão, orientação da palma e utilizou atividades lúdicas como jogo da memória, bingo e ditado. Para elas os resultados foram surpreendentes, os alunos mostraram-se interessados e seguros em utilizar a escrita de sinais. Na visão delas a "escrita de sinais para o aluno surdo torna-se mais viável para se alcançar o aprendizado concreto”.

Outros pesquisadores Carneiro, Lombardi e Ayres (2019) também visitaram a Escola Especial para Surdos Frei Pacífico para observar as práticas pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com relação à escrita do *SignWriting*. Os autores relataram duas práticas pedagógicas que aconteceram ali. A primeira foi uma contação de histórias que as professoras fizeram em Libras, e aos alunos foi solicitado que escrevessem o relato da história utilizando a escrita de sinais.

Carneiro, Lombardi e Ayres (2019) conta que na produção de um aluno, ele colocou características e justificativas adicionais, que segundo as professoras não estavam presentes na história. Para elas, isso mostra uma reflexão do aluno sobre sua própria escrita, uma vez que acrescentaram elementos que faziam sentido para ele, produzindo uma coerência particular. Ao analisar a produção de outro aluno, uma das professoras fez o seguinte relato:

O [Aluno 2] era um aluno que não produzia nem frases simples por julgar-se incapaz e enfatizar 'não saber como realizar as propostas'. No entanto, ao ser provocado a produzir textos na Escrita da Língua de Sinais, fez com autonomia e sentiu-se contente ao ler sua produção e perceber a alegria das professoras que traduziam seu relato (CARNEIRO; LOMBARDI; AYRES, 2019, p. 71).

Outra prática pedagógica analisada teve como ponto de partida a leitura do livro de literatura infanto-juvenil intitulado *A Vaca no Telhado*, de Giselda Nicolelis. A história estava escrita em *SignWriting* e após isso os alunos a traduziram para o Português. Para as professoras os alunos se sentiram felizes e capazes por conseguirem ler o texto de forma autônoma (CARNEIRO; LOMBARDI; AYRES, 2019).

É relatado também por Carneiro, Lombardi e Ayres (2019) que após as leituras, os alunos discutiam o que compreenderam uns com os outros, proporcionando a ampliação do conhecimento. Depois disso as professoras fizeram uma atividade de comparação entre as duas línguas para que os alunos percebessem as semelhanças e diferenças, entre o Português escrito e a Escrita da Língua de Sinais. A professora conta que utilizam da escrita de sinais para a alfabetização e letramento em relação à língua portuguesa.

Bózoli (2021) realizou sua pesquisa no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá - Paraná, com os alunos do 3º e 5º ano e tinha como objetivo investigar as contribuições que o *SignWriting* na aprendizagem do português escrito. Antes do início das atividades em sala de aula, foi realizada a nomeação dos espaços em *SignWriting* nas portas da escola para que a comunidade acadêmica se familiarizasse com a escrita de sinais.

Durante a pesquisa foram realizadas atividades de português escrito com o suporte do *SignWriting*. A professora apresentou o texto "Copa do Mundo", pois estava na época Copa do Mundo e os alunos estavam bem interessados. O texto foi apresentado com e sem *SignWriting*, os alunos relataram que preferiam com o suporte do *SignWriting*, pois não queriam ler o texto somente em português (BÓZOLI, 2021).

Segundo Bózoli (2021), o segundo texto foi a História em Quadrinhos da Turma da Mônica, com o título de "Roupa Limpa". Foi disponibilizado para as crianças dois textos na mesma folha em português escrito e em *SignWriting*, após a leitura os alunos deviam responder algumas questões. No final da atividade a autora verificou que os

alunos não tiveram dificuldades, foram capazes de responderem sozinhas utilizando do artifício da tradução das palavras do português para *SignWriting*.

Outro texto trabalhado intitulado “A menina curiosa”, foi entregue aos alunos, somente em *SignWriting*. De acordo com a autora, os alunos conseguiram interpretar as frases associando-as com espontaneidade aos sinais (BÓZOLI, 2021).

Observamos que as crianças surdas estavam mais alegres e motivadas, compartilhando com seus colegas e até mesmo com seus familiares o conhecimento do *SignWriting*. Em relação à aprendizagem, constatamos a clareza e a agilidade com que elas conseguiam aprender e desenvolver as atividades propostas (BOZÓLI, 2021, p. 157).

Logo após a professora solicitou que as cada criança colocasse no quadro a ficha escrita em *SignWriting*, relacionando com uma ou mais palavras do português. Essa atividade gerou muita curiosidade pois as crianças queriam aprender como se escrevia as palavras no português (BÓZOLI, 2021).

Importante observar nestas pesquisas elencadas acima, que as autoras utilizaram diversos recursos adaptados para o ensino da escrita de sinais, produzidos por elas, pois não temos materiais prontos nessa área ainda. Também fizeram o uso do lúdico que é muito significativo no ensino aprendizagem dos alunos, já que eles podem aprender brincando, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso.

As autoras perceberam que o uso de placas escritas em *SignWriting* na escola com o nome dos espaços, é uma iniciativa muito importante pois faz com que os alunos percebam a escrita de sinais no cotidiano deles, acostumem com essa escrita e percebam seu uso social fora da sala de aula.

A questão da afetividade em escrever na própria língua é algo percebido também pelas autoras, os alunos surdos ao aprenderem o *SignWriting* ficam animados, seguros e motivados e todos demonstram capacidade em aprender.

Por último ressaltar, que as metodologias aplicadas e observadas pelas pesquisadoras foram além de ensinar o “como escrever” em *SignWriting* e como utilizar os símbolos, elas também realizaram um processo de letramento apresentado livros para que os alunos pudessem perceber o uso da escrita de sinais na prática social. É de suma importância, que os professores ao ensinar a escrita de sinais, possam apresentar aos alunos os mais variados tipos de textos, para que eles experimentem o uso desse sistema de escrita de sinais e associem com a Língua de Sinais que eles já utilizam no cotidiano.

3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

3.1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA

As HQs nem sempre foram aceitas nas escolas, havia muito preconceito em torno delas, professores e pais consideram que elas serviam somente para lazer, pois abordavam temas superficiais, aquém do esperado para a realidade do aluno que promoviam a “preguiça mental” e afastava os alunos da “boa leitura” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

De acordo com Vergueiro e Ramos (2009) isso só começou a mudar a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), promulgada em 1996, que orientava a inserção de outras linguagens e manifestações artísticas no ensino fundamental e médio, porém as HQS começaram a serem reconhecidas como um recurso pedagógico a partir dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Os PCNs para a primeira fase do Ensino Fundamental orientam que os vários gêneros textuais devem ser apresentados para trabalhar a linguagem escrita em sala de aula, dentre eles estão as Histórias em Quadrinhos (HQs), que podem ser utilizadas em sala de aula como um recurso pedagógico que pode ser explorado de várias formas.

De acordo com Carvalho e Oliveira (2004), a leitura é uma prática social, na qual se incluem o autor e o leitor, além de ser uma atividade que diz respeito a um processo discursivo, para que uma criança aprenda a ler, ela precisa desenvolver o conhecimento sobre a língua, o mundo e o gênero discursivo.

Segundo Marcuschi (2002) tudo que fazemos linguisticamente está dentro de um gênero textual, sendo impossível se comunicar verbalmente sem um gênero. Sendo assim, o autor define gênero textual como práticas socio-discursivas que utilizamos no nosso dia a dia. Para Marcuschi (2002), trabalhar os gêneros textuais em sala de aula é uma ótima oportunidade para apresentar a língua nos variados tipos e formas.

As práticas sociais ligadas à leitura e a escrita como ler um recado, um anúncio publicitário ou escrever um bilhete, uma carta são, juntamente com outras, as responsáveis por formar sujeitos letrados que saibam atuar nas mais diversas situações (SANTOS et al., 2015, p.3).

Para Silva e Gaspar (2018), é significativo que o professor apresente diferentes textos para os alunos que são utilizados nas suas práticas sociais, isso faz parte do processo de letramento.

Nessa perspectiva, para letrar, o professor precisa assumir certas posturas, de modo que sua prática vise à formação completa do sujeito. É necessário trabalhar a escrita somada aos diferentes textos que são produzidos socialmente, aproximando o educando de seu uso real, dentro e fora do contexto escolar (Maciel; Lúcio, 2008). De forma complementar à visão das autoras, Kleiman (2005) defende que o letramento escolar implica o ensino de estratégias e capacidades adequadas aos variados tipos de textos que circulam em outras instituições além dos espaços escolares, onde as práticas sociais são verdadeiramente concretizadas (SILVA E GASPAR, 2018).

Como descrito por Mendonça (2010), pode-se dizer que as HQs, são um gênero textual que apresenta narrativas por quadros que representam sequências temporais, onde podemos encontrar desenhos, balões, textos e legendas que representam a fala dos personagens ou não. Através dela é possível transmitir uma diversidade de temas, reproduzir falas (geralmente informais) que podem ser de humor, informativas, contar histórias e discutir temas relevantes. Neste contexto, fica claro que podem ser utilizadas em sala de aula das mais variadas formas para letramento dos alunos.

É interessante destacar que o uso das HQs incentiva a leitura, conforme explicado acima, elas reproduzem falas e situações informais, que acontecem no cotidiano dos alunos. Segundo Luytem e Lovreto (2017), uma pesquisa realizada na Universidade de Brasília comprovou que quando os alunos leem quadrinhos eles têm 30% a mais de absorção de conteúdo do que ler informações no celular ou computador. De acordo com Mendonça (2010), em uma entrevista realizada com alunos do ensino fundamental de escolas públicas e privadas identificou que a preferência dos alunos em relação a materiais de leitura, são as HQs.

De acordo com Vergueiro et al. (2004), como as HQs são de fácil acesso e próximas ao cotidiano dos alunos, quando o professor leva para a aula, os alunos se sentem entusiasmados para ler e participam mais ativamente das aulas, contribuindo assim para o processo de aprendizagem dos alunos. O autor deixa claro que para seu uso não existem regras, caberá ao professor utilizar sua criatividade para atingir seus objetivos de ensino.

O fato de as HQs explorarem bastante o recurso visual, detalhando os cenários, mostrando as características e expressões dos personagens desperta a curiosidade dos alunos, a cada sequência da história tem uma imagem e pode ter ou não um texto. O texto às vezes nem é necessário para que aquele quadrinho seja entendido. Segundo Vergueiro et al. (2004) a relação imagem e texto que os quadrinhos proporcionam "amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldade para atingir".

As imagens presentes apoiam o texto, dando pistas contextuais para o significado da palavra, conforme explicado acima. As HQs auxiliam os alunos a serem mais criativos nas redações, há um entendimento maior de como construir uma história com início, meio e fim, por exemplo, o professor pode apresentar aos alunos somente a imagem e pedir que construam a história ou apresentar a história sem o último quadrinho e pedir aos alunos que finalizem a história (LUYTEM e LOVRETO, 2017).

Para além da leitura calcada nos recursos de metalinguagem, o aspecto da produção também pode ser estimulado em sala de aula. Construir uma tira já envolve, por si só, o domínio dos recursos de sua linguagem. Paralelamente, ela pode estar ancorada em experiências reais da vida do aluno ou da sociedade, que podem ser relatadas pelo filtro crítico do próprio estudante (RAMOS, 2017, p. 136).

A produção de HQs relacionadas a temas pessoais ou sociais, que estão próximos a realidades dos alunos é um fator que estimula os alunos a produzirem textos e conseqüentemente se desenvolverem na escrita da sua língua. De acordo com Vergueiro et al. (2004) as HQs enriquecem o vocabulário dos alunos, pois ao mesmo tempo que elas utilizam uma linguagem simples presente no cotidiano dos alunos, também vai introduzindo palavras desconhecidas referentes a variados temas que podem ser trabalhados.

Nas atividades de produção, é sempre possível pedir que eles criem HQs. Como em qualquer atividade de produção textual, conforme Geraldi (1997), é preciso que se tenha: a) o que dizer; b) para que dizer; c) para quem dizer; d) como dizer. Esses aspectos não podem ser negligenciados sob pena de produzirem redações do tipo escolar, cuja função seria o atendimento à tarefa proposta pelo professor (MENDONÇA, 2010, p. 221).

Neste contexto, fica claro que para utilizar as HQs seja para leitura ou produção é preciso que o professor tenha um objetivo a ser alcançado. O momento do uso das HQs não pode ser visto como um momento lúdico que o professor irá descansar.

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação (VERGUEIRO ET AL, 2004, P. 26).

O professor tem autonomia para utilizar sua criatividade no uso das HQs, conforme citado acima. Ramos (2017) concorda quando diz que é "possível usar tiras e histórias em quadrinhos para quase tudo no ensino. Basta apenas que se queira utilizá-las e que se tenha clareza nos objetivos a serem alcançados".

Desta forma, um leque de possibilidades é aberto quando o professor utiliza as HQs, trata-se inegavelmente de um poderoso recurso pedagógico que pode ser utilizado em qualquer disciplina ou faixa etária com o objetivo de ensinar algum conteúdo, promover a reflexão, discussão e a motivação na produção de textos.

3.2 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Segundo Santos et al (2015), antes do professor trabalhar as HQs em sala de aula é necessário que ele apresente aos alunos esse gênero, sua história e seus elementos como: os quadrinhos, os personagens, os balões, as onomatopeias, a importância do cenário, das expressões faciais e corporais, etc.

Vergueiro et al (2004) corrobora com essa ideia, diz que a "alfabetização" na linguagem dos quadrinhos é importante para que os alunos possam entender as múltiplas mensagens presentes nas histórias. Cada recurso verbal e visual ocupa dentro dos quadrinhos uma função. Neste trabalho falaremos dos principais recursos: quadrinhos, balões, onomatopeias e legendas.

De acordo com Vergueiro et al. (2004), a menor unidade narrativa das HQs é o quadrinho ou vinheta que representa por meio de uma imagem fixa um instante específico ou uma sequência interligada de instantes. Ramos (2009) acrescenta que

os quadrinhos compõem os elementos da história: os personagens, as cenas e o recorte do tempo, como podemos ver na HQ abaixo.

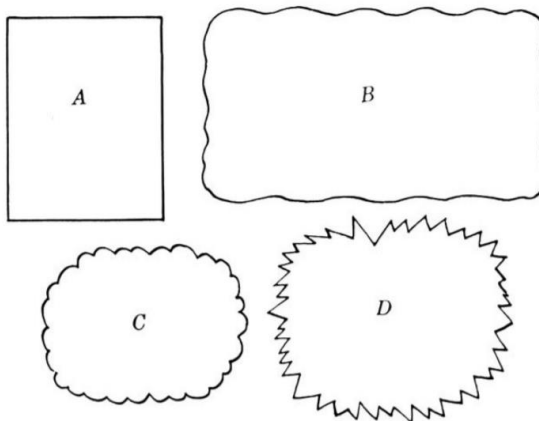
Figura 25 – O cenário e os personagens na HQ de Zezé



Fonte: Ramos (2009)

Segundo Eisner (2001) além de servir como moldura os quadrinhos podem também passar uma linguagem não verbal, conforme alguns exemplos da Figura 26, onde A se refere geralmente ao passado a não ser a narrativa deixe claro outro tempo verbal, B e C representam o passado e D pode indicar som, emoção ou pensamento.

Figura 26 - Exemplo de contornos de quadro



Fonte: Eisner (2001)

Para representar o pensamento e a fala dos personagens as HQ utilizam os balões, que fazem a intersecção entre imagem e palavra. Os balões possuem informações que são transmitidas ao leitor antes mesmo da leitura do texto, pela sua forma, tipo de linha de delimitação e posição que ocupa nos quadrinhos (VERGUEIRO et al, 2004).

Os balões possuem várias formas que serão utilizados dependendo do objetivo de cada autor, segundo Ramos (2017), alguns autores levantaram há alguns anos que existem 72 formas de balão, mas para o autor esse número hoje em dia é maior devido a produção de HQs no computador. Abaixo apresentamos algumas formas de balões.

Figura 27 - Tipos de Balões



Fonte: <http://www.eraumavezbrasil.com.br/voce-sabia-que-existem-diversos-tipos-de-baloos/>

Outro recurso importante das HQs são as onomatopeias que são símbolos que representam ou imitam sons. De acordo com Vergueiro et al. (2004), as onomatopeias vão variar de acordo com a cultura e idioma de cada país e também de acordo com a preferência de cada autor.

Ramos (2017) explica que as onomatopeias podem estar dentro ou fora dos balões, e que a fonte, cor, tamanho e formato tem representatividade diferente dependendo do contexto.

Figura 28 - Exemplos de Onomatopeias



Fonte: <https://www.portugues.com.br/gramatica/figuras-sonoras.html>

Algumas HQs podem apresentar também legendas, que ficam na parte superior do quadrinho e representam a voz do narrador e podem dar mais informações acerca do tempo, espaço, local e expressões de sentimentos ou percepções dos personagens. Sua forma de apresentação também varia de acordo com o autor (VERGUEIRO et al., 2004).

Figura 29 - Exemplo de legenda



Fonte: Ramos (2017)

3.3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Uma das características marcantes das HQs é o uso da sua linguagem visual que pode ser bastante aproveitada na educação de surdos, que têm seu conhecimento adquirido por recursos visuais, seja para apresentar um tema, para motivar a leitura ou como estratégia de aquisição de língua. De acordo com Ramos (2007) as imagens utilizadas nas HQs auxiliam na compreensão da situação e do cenário apresentados, tornando uma ferramenta para aprendizagem de uma outra língua.

Mirais (2009) desenvolveu em sua pesquisa, uma proposta de intervenção com alunos surdos, cujo objetivo era contribuir com a aprendizagem do Português escrito através da produção de HQs no computador. A autora concluiu ao final da sua intervenção, que houve melhoria na produção escrita dos alunos, eles se esforçaram para estruturar as frases no português. Além disso, a autora percebeu também os alunos motivados, o que tornou as aulas dinâmicas e facilitou a construção coletiva e individual de textos

A pesquisa foi realizada com 6 alunos surdos da 3º série. A intervenção aconteceu de fevereiro a setembro, duas vezes na semana, ora no turno regular ou contraturno nas aulas de reforço. Inicialmente os alunos assistiram o Cine gibi I e II da Turma da Mônica, identificaram os personagens com seus sinais e recontaram a história através da Libras para seus colegas de sala. Em seguida, eles registraram um resumo do filme, em português, com o auxílio do professor e foram trabalhadas histórias de três quadros explorando a noção temporal, as características físicas e psicológicas das personagens (MIRAIS, 2009).

Prosseguimos, até o final do primeiro semestre, com a abordagem de interpretação de história em quadrinhos no caderno. Solicitamos a elaboração de textos e partimos para reestruturação da Língua portuguesa, explicitando as diferenças entre a língua de sinais e a língua portuguesa, no aspecto discursivo (como se fala) e como se escreve (padrão, registros nos livros, etc.), mostrando aos alunos que seu “erro” faz parte de seu processo de construção do conhecimento, incentivando-o a continuar sua produção de português escrito (MIRAIS, 2009, p. 13).

O uso da Libras foi fundamental para esta atividade, pois a professora sempre utilizava a comparação entre as duas línguas - Libras e Língua Portuguesa e realizava

a ampliação de vocabulário. Em algumas histórias as professoras retiraram o final e pedia para que os alunos recontassem o final da história. Ao final do projeto a professora apresentou à turma o programa “Quadrinhos da Mônica” e pediu para que criassem sua própria HQ com três quadrinhos (MIRAIS, 2009).

Freitas (2015) realizou uma pesquisa de dois meses, com a aplicação de uma sequência didática para analisar a produção textual de um aluno surdo utilizando as HQs. Esse aluno tinha 13 anos, estava matriculado no 5º ano e ingressou na escola aos 7 anos e a partir daí começou a ter contato com a Libras. Na sequência didática inicialmente a professora apresentou as HQs e todos os elementos que a constituem (quadros, balões e onomatopeias). Em outra aula entregou aos alunos uma HQ somente com imagens, e foi solicitado ao aluno surdo que relatasse a história em Libras e depois escrevesse em português nos balões que estavam vazios. Na aula seguinte a professora apresentou os nomes dos personagens, alimentos, objetos e cores que haviam na HQ juntamente com a imagem de cada um.

Depois a professora solicitou para os alunos a reescrita da HQ, onde o aluno surdo utilizou as palavras que adquiriu durante as atividades. De acordo com Freitas (2015) o aluno se mostrou entusiasmado e curioso, era seu primeiro contato com as HQs, a utilização dos recursos visuais e a presença do intérprete sinalizando para o aluno se mostrou um recurso eficiente no ensino de uma segunda língua para os alunos surdos.

Outro estudo similar foi realizado por Barbosa (2014), que realizou sua pesquisa com 09 alunos surdos da 6ª série. Inicialmente a professora apresentou aos alunos uma revistinha em quadrinhos da Turma da Mônica. Após isso foi lida algumas histórias da Turma da Mônica, do Calvin, da Mafalda e algumas com temática de Libras, e foi solicitado a cada aluno que contasse alguma história dessas lidas em Libras para seus colegas.

Os alunos gostaram bastante de interagir uns com os outros contando a história em Libras. Nesse momento a professora interveio auxiliando aquelas palavras que eram desconhecidas. No terceiro momento foi feito um exercício de interpretação das tirinhas para que os alunos praticassem o português escrito. Um dos exercícios solicitava a criação de uma tirinha em casa.

No momento da interpretação do texto tiveram dificuldades na escrita como: ortografia, emprego dos pronomes, emprego de artigos, emprego de conectivos,

conjugação verbal, significado de expressões, dificuldades de interpretação do enunciado e dificuldades na leitura de imagens. Apesar disso, a produção das tirinhas pelos alunos superou as expectativas da professora, já que eles demonstraram grande criatividade e facilidade na criação das histórias e dos desenhos. (BARBOSA, 2014)

Foi realizado um outro estudo por Gesueli (2015) com o objetivo de avaliar o uso da imagem nas produções textuais de alunos surdos. Ela realizou uma pesquisa com 2 alunos surdos com 12 anos de idade, analisando suas HQs criadas. Foi utilizado o software livre HagáQuê desenvolvido pelo Instituto de Computação da Unicamp, que possibilita a criação de HQs incentivando o processo criativo e de leitura e escrita. De acordo com a autora, os alunos ficaram muito motivados por utilizarem o software e por poderem escolher os cenários e personagens das suas histórias.

Segundo Gesueli (2015), é possível perceber que os alunos surdos utilizam de desenhos para produzir textos escritos com o objetivo de representar as palavras. Para ela, o processo de letramento dos alunos vai além do código escrito, é preciso um novo olhar para o ensino de Língua Portuguesa para surdos, considerando também sua língua natural, a Língua de Sinais e suas experiências visuais.

A questão que venho me colocando seria a possibilidade de a imagem fazer parte da produção textual do aluno surdo, dada a experiência visual a que está imbricado, sem que necessariamente essa imagem deva ser substituída por palavras escritas. Sob a ótica da diversidade, poderíamos considerar que os textos dos surdos estivessem permanentemente constituídos de imagens? Seria possível considerar a produção escrita dos surdos como um texto multimodal, atravessado por códigos múltiplos de significação? (GESUELI, 2015, p. 46).

Podemos perceber que a maioria das pesquisas envolvendo as HQs na educação de surdos, dizem respeito a aquisição da língua portuguesa. Para Fernandes (2020) para que o professor defina uma metodologia de ensino de língua é necessário que ele saiba qual é sua concepção de língua. Este trabalho considera a concepção que língua não é somente a expressão do pensamento ou codificar e decodificar, mas que a língua é viva e totalmente vinculada às relações sociais, na produção de sentido em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Nesta perspectiva a prática pedagógica permite que o aluno utilize a língua em situações concretas de interação, em momentos contextualizados, em diálogo com

outros textos. O texto não é visto como um produto, algo acabado, mas sim como um processo.

Essas pesquisas nos mostram que as HQs podem ser utilizadas como recurso pedagógico eficiente na educação de surdos para aquisição do Português escrito. Além disso, as pesquisas nos mostram que em contato com as HQs os alunos se sentem motivados a produzir suas histórias, fazendo com que aquele momento de escrita para o aluno surdo que às vezes é um momento de dificuldades, se tornando um momento prazeroso e de superação de limites.

4 O PAPEL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA AQUISIÇÃO DO SIGNWRITING

A maioria das pesquisas realizadas na área da educação de surdos nos mostram que o uso das HQs como um recurso pedagógico contribui para a aquisição do português escrito. Já com relação a aquisição da escrita de sinais, só foram encontrados dois autores: Machado (2017) e Santos (2019).

Machado (2017) em seu trabalho criou uma HQ, sem a linguagem textual, mas uma narrativa visual em que o personagem se expressa através da Libras e há a escrita em *SignWriting*. Criar uma HQ em Libras foi bastante desafiador, segundo o autor, já que os sinais em Libras possuem movimentos, e no meio impresso não é possível inserir animações. Segue abaixo alguns trechos da história:

Figura 30 - Trechos da HQ criada



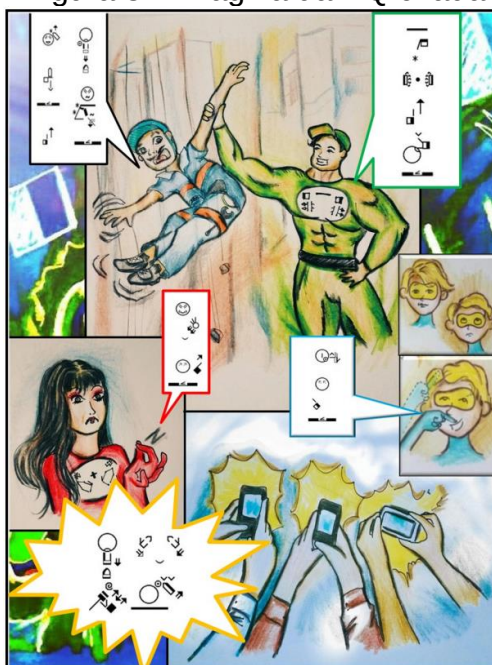
Fonte: Machado (2017)

Segundo Machado (2017), a HQ foi apresentada e discutida com membros da comunidade surda que conhecem o *SignWriting*, e chegaram à conclusão que a HQ criada pode ser utilizada como uma ferramenta apoiadora no ensino e na aprendizagem da escrita de sinais.

Como a HQ possui tanto a Libras como a escrita de sinais, possibilita o leitor realizar associações entre o sinal realizado e os símbolos do *SignWriting*. Porém esta pesquisa não aplicou de fato a HQ criada na sala de aula, o que poderia ser bem interessante já que além da escrita de sinais a HQ possui personagens que se comunicam em Libras, o que despertaria nos alunos a curiosidade já que não é comum vermos HQs produzidas em Libras. Nesta HQ poderia ser trabalhado em sala de aula a comparação entre a Libras e sua escrita.

Já Santos (2019) em sua pesquisa, utilizou somente o *SignWriting*, criou uma História em Quadrinho e levou em uma classe com alunos surdos para que esses pudessem ler e fazer sua interpretação textual. Após a leitura da HQ, Santos (2019) aplicou questionários aos alunos e com base na análise das respostas constatou que a leitura de texto em *SignWriting*, juntamente com os elementos das Histórias em Quadrinhos é visto de maneira positiva e incentiva a prática da leitura.

Figura 31 - Página da HQ criada



Fonte: Santos (2019)

O autor deixa claro, que poucos surdos sentiram dificuldades de interpretação e compreensão textual sobre a história ao se depararem com perguntas relativas à narrativa. Outra questão também analisada foram as ilustrações, representando os sinais da Libras e os balões com textos escritos em *SignWriting*, sendo componentes importantes na produção de uma história em quadrinhos para o leitor surdo (SANTOS, 2019).

Através desta pesquisa podemos verificar que é possível utilizar todos os recursos das HQs juntamente com o *SignWriting*. Na HQ criada percebemos que mesmo a escrita de sinais ocupando um espaço considerável, ela foi utilizada dentro

dos balões e os alunos conseguiram realizar a leitura. Interessante destacar também que os balões de fala da HQ são direcionados para as mãos.

Ao fazer o levantamento dos livros de literatura surda brasileira que utilizam o *SignWriting*, Marquezi (2018) encontrou algumas obras traduzidas para a escrita de sinais, ou criadas diretamente na escrita de sinais. Já Histórias em Quadrinhos adaptadas ou criadas em *SignWriting*, foram quatro histórias. Uma delas é o *Livrinho do Betinho*, que conta uma história em quadrinhos bilíngue (Português/Libras) e contém algumas atividades, conforme podemos ver na Figura 32. As outras três não foram possíveis de serem identificadas de acordo com a fonte citada pela pesquisadora.

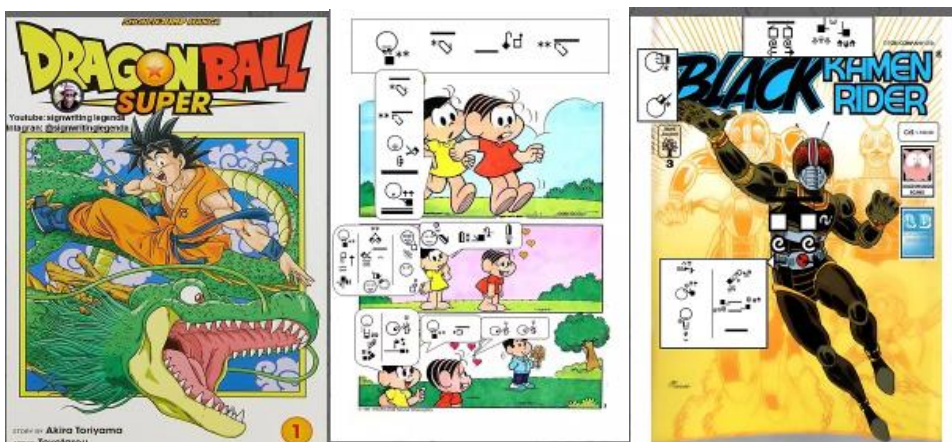
Figura 32 - Capa do *Livrinho do Betinho*



Fonte: Marquezi (2018)

No site <https://www.miguellibras.com/> foi encontrada três HQs traduzidas para o *SignWriting*, uma é a história do *Dragon Ball Super*, a outra é a história *Black Kamen Rider* e a outra uma história da *Turma da Mônica*, como podemos ver na figura abaixo. Além disso, nesse site podemos encontrar charges, histórias infantis e cursos de *SignWriting*.

Figura 33 - HQs traduzidas para *SignWriting*



Fonte: <https://www.miguellibras.com>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou refletir sobre um dos grandes desafios na área da educação de surdos no Brasil, a questão da escrita dos alunos surdos. Pois eles se comunicam pelas Línguas de Sinais, mas ao chegarem na escola precisam aprender a ler e escrever a grafia de uma língua oral, antes de ter aprendido esse processo na língua materna. Dessa forma, este trabalho possibilitou constatar que o uso das Histórias em Quadrinhos pode auxiliar alunos surdos na aquisição de um sistema de escrita de sinais.

A aquisição da escrita de sinais, traz para a comunidade surda, uma série de benefícios tanto para o sujeito que a utiliza como para a comunidade. A aquisição de um sistema de escrita de sinais permite que os alunos surdos se expressem na forma escrita através da sua língua natural, fazendo com que eles se sintam seguros e confiantes em suas produções de texto e gere mais prazer pela leitura. Além dos benefícios individuais, há os benefícios coletivos, pois, a partir do momento que a comunidade surda começar a produzir materiais na escrita de sinais, contribuirá para o desenvolvimento e valorização da Libras e da sua cultura escrita.

O uso do gênero textual Histórias em Quadrinhos como um recurso pedagógico traz grandes contribuições na educação de surdos, pois além de ser um gênero que os alunos gostam de ler, seus recursos visuais, como os quadrinhos, as cenas, os balões, e as onomatopeias dão pistas do que está escrito. Outro fator importante é que as HQs podem ser trabalhadas em qualquer disciplina e faixa etária.

O sistema de escrita de sinais *SignWriting* se mostrou rico em detalhes, bastante visual e possibilita que qualquer sinal seja registrado na Libras. Para que o processo de aquisição da escrita seja efetivo, o professor não deve ensinar somente o código e as regras da Língua, mas utilizar de metodologias lúdicas e apresentar textos significativos para os alunos presentes nos vários tipos de gêneros textuais.

Tivemos como limitação da pesquisa, o fato de haver poucas pesquisas e informações na área de *SignWriting* e principalmente relacionado com as Histórias em Quadrinhos. Como trabalhos futuros, seria interessante realizar um levantamento se as escolas que possuem surdos no estado de Goiás utilizam o *SignWriting* ou alguma outra escrita de sinais, pois a maioria das pesquisas encontradas estão na região Sul

do país. Além disso, um outro trabalho, poderia ser de introduzir o *SignWriting* em alguma escola da região metropolitana de Goiânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. **História das escritas de línguas de sinais**. Centro Virtual de Cultura Surda. Revista Virtual de Cultura Surda, n. 15, mar. 2015

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. **Leitura, Interpretação e Produção de Tirinhas: Uma Experiência De Estágio Com Alunos Surdos Do Ensino Fundamental**. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, v. 2, n. 1, p. 345-372, 2014.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS – Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2015. 144p.

BARROS, Mariângela Estelita Correa. **A Libras por escrito**. Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde, Goiânia, v. 33, n. 3, p. 385-396, 2006.

BARRETO, M; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistérios**. 2. ed. Salvador: Libras Escrita, 2015.

BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa. **Educação bilíngue de surdos: o uso da escrita de sinais SignWriting na aprendizagem do português como segunda língua**. 2021. 213f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro De Comunicação E Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

CARNEIRO, Fernando Henrique Fogaça; LOMBARDI, Mariane Pereira; AYRES, Alessandra. **Os Processos De Alfabetização E Letramento De Alunos Surdos A Partir Da Escrita Da Língua De Sinais No Sistema Signwriting**. Afluente: Revista de Letras e Linguística, p. 60-76, 2019.

CAPOVILLA, Fernando et al. **Sign Writing: Implicações Psicológicas e Sociológicas de uma Escrita Visual Direta de Sinais, e de Seus Usos na Educação do Surdo**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, v.13, p. 33-39, jun. 2000.

CARVALHO, Adriana Cintra de; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. **Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2004.

FORCADELL, Murilo Sbrissia Pitarch; FRASSON, Antônio Carlos; FORCADELL, Elizete Pinto Cruz Sbrissia Pitarch **Signwriting: Práticas de Aprendizagem da Escrita da Língua de Sinais**. Ideação, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 195–212, 2017. DOI: 10.48075/ri.v18i1.17319. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/17319>. Acesso em: 12 jan. 2022.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Ed. Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Nohad Mouhanna. **Concepções de linguagem e o ensino/aprendizagem de língua portuguesa**. Revista InterEstudos, 2020.

FREITAS, Mércia Cristina de Araújo. **História em quadrinhos: uma proposta de ensino da língua portuguesa para surdo**. 2015. 112f. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística e Ensino) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2015.

GESUELI, Zilda Maria. **A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos**. In: LODI, Ana Claudia Balieiro et. al. Leitura e escrita no contexto da diversidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 39-49.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º edição. São Paulo: Atlas, 2002.

KOGUT, Marcos Kluber. **As Descrições Imagéticas na transcrição e leitura de um texto em SignWriting**. 2015. 161F. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

LODI, Ana Claudia Balieiro et al. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

LUYTEN, S. B.; LOVETRO, J. A. **Efeito HQ: uma prática pedagógica**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://efeitohq.com/>. Acesso em 15 mar. 2021.

MACHADO, Milton Cesar de Oliveira. **Narrativas visuais: história em quadrinhos como estratégia de aquisição do signwriting-sistema de escrita de língua de sinais**. 2017. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Tecnologia em Design Gráfico). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MAIA, Alana Monteiro Ferreira; LIMA, Raquel Pereira de; COSTA, Edivaldo da Silva. **O Processo de Alfabetização e Letramento em Escrita de Sinais por Surdos Aracajuano: Uma Análise Preliminar**. In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, 10, 2017, Sergipe.

MARQUEZI, Luana. **Literatura surda: o processo da tradução e transcrição em SignWriting**. 2018. 163F. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; e BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e Ensino*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

MEC lança Proposta de Currículo para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos. Ministério da Educação, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-proposta->

de-curriculo-para-o-ensino-de-portugues-escrito-como-segunda-lingua-para-estudantes-surdos. Acesso em: 12 jan. 2022.

MIRAIS, Maria Stella. **Produção de Histórias em Quadrinhos (HQs) no computador como estratégia de ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos**. Artigo para o Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), Londrina, Paraná, 2009.

MOREIRA, Daniele Santana; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. **A importância da escrita das línguas de sinais: mapeando propostas e resultados de aplicação na literatura acadêmica nacional**. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n. 54, p. 187 - 208, 2020.

OLIVEIRA, Maria Do Socorro De Sousa Pereira; OLIVEIRA, Maria Gabriela De Sousa. **ESCRITA DE SINAIS: Elemento essencial na ampliação da comunicação e expressão do surdo no ensino aprendizagem de Libras?**. Anais do VII COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos, Piauí, 2020.

PEREIRA, Maria Cristina Pires; FRONZA, Cátia de Azevedo. **Sistema *Signwriting* como uma possibilidade na alfabetização de pessoas surdas**. In: Encontro do Círculo Lingüístico do Sul (CELSUL). Pelotas: UCEPEL e UFPEL, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Alfabetização e o sentido da língua de sinais**. Textura-Revista de Educação e Letras, Canoas, v. 2, n. 3, p. 53-61, 2000.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro; STUMPF, Marianne Rossi. **A pedagogia da diferença para o surdo**. In: LODI, Ana Claudia Balieiro et. al. Leitura e escrita no contexto da diversidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 85-93.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola, 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SANTOS, Leonardo Padilha dos. **História em quadrinhos no processo de leitura e compreensão textual em SignWriting**. 2019. 205f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, Fábio Ireneu da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da Língua Brasileira de Sinais: SignWriting**. 2009. 114 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Língua de Sinais no papel e no computador**. 2005. 329f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi. **Transcrições de língua de sinais brasileira em SignWriting**. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro et al. Letramento e minorias. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. p. 35-46.

STUMPF, Marianne Rossi. **Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional**. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro et al. Letramento e minorias. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. p. 35-46.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aquisição da escrita de língua de sinais**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 373 - 381, 2001.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais**. Tradução: Marianne Stumpf e Antonio C. da Rocha Costa. s.d. Disponível em <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoes-de-SignWriting.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2022.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2º edição. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro et al. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes**. 2012. 192F. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 27/04/2022 16:29:04.

Este documento foi armazenado no SUAP em 27/04/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 275629

Código de Autenticação: 6ae00f78af

